

# MAPEAMENTO SEMÂNTICO DO TURISMO SUSTENTÁVEL (ARQUITETANDO UM NOVO PAÍS)

Luciano Amaral Oliveira\*

## Abstract

An analysis of the theoretical implications of sustainable tourism based on its semantic imbrications. The text sets out to verify whether sustainable tourism can help to shape a new country both from the geophysical and socio-cultural point of view. This type of analysis is needed at a time when people are traveling more and more in search of natural destinations and theoreticians are being driven further apart by the vagueness of concepts.

Keywords: Sustainable Tourism; Concept; Sustainable Development.

## (IN)DEFINIÇÃO DE TURISMO SUSTENTÁVEL

Nos últimos anos, o léxico de governantes, empresários e acadêmicos brasileiros trouxe à ribalta termos elegantes e representativos de temas que preocupam muitas nações: risco-Brasil, globalização, conservação ambiental e desenvolvimento sustentável. Do último termo surgiu turismo sustentável, que tem inspirado autores e estudantes, e provocado debates em muitos países. E é exatamente de turismo sustentável que este artigo trata. Será

que o turismo sustentável pode contribuir para desenhar um novo país? Para responder a essa pergunta, é necessário, antes de tudo, entender o que o conceito de turismo sustentável significa. Entretanto, tal entendimento não é tarefa simples, pois o conceito de turismo sustentável é um tanto problemático, como atesta o Instituto para a Pesquisa do Turismo e da Recreação da Universidade de Montana (Institute for Tourism and Recreation Research, 1998):<sup>1</sup>

[...] a definição de turismo sustentável permanece imprecisa, mas tende a ser enfocada na integração da oportunidade econômica e social com a proteção ambiental e a melhoria da qualidade de vida.<sup>2</sup>

Essa imprecisão da definição de turismo sustentável abre caminho para muitas definições, o que faz com que nenhuma delas seja universalmente aceita, nem mesmo a oferecida pela Organização Mundial de Turismo (OMT), que, na verdade, fala de “desenvolvimento do turismo sustentável”.<sup>3</sup> Não por acaso, Gonzales (apud OLIVEIRA, 2001<sup>4</sup>) acredita que:

Turismo Sustentável, frase de efeito e sem sentido, termo sexy da indústria nos anos 90, é um enigma. Sedutoramente atraente, na medida em que dá sentido ao papel do turismo no desenvolvimento econômico dos dias modernos, o conceito é difícil de ser colocado em prática. Na literatura corrente, há uma abundância de visões conflitantes a respeito de sua interpretação, relevância, aplicação e prática no mundo real. [tradução minha].<sup>5</sup>

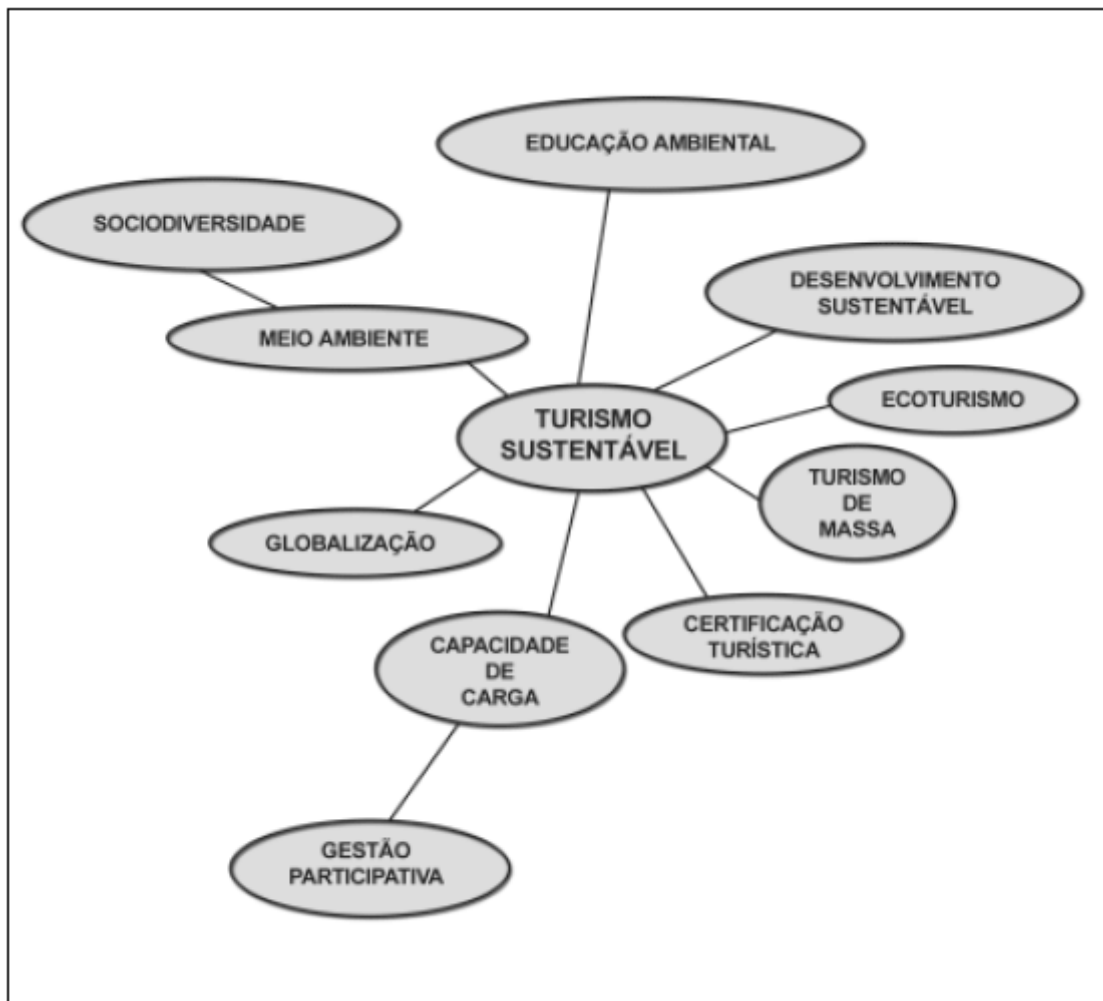
Talvez um dicionário técnico de turismo (MEDLIK, 1996)<sup>6</sup> auxilie na busca por uma definição mais precisa de turismo sustentável:

Emergindo de conceitos de desenvolvimento sustentável, conforme foi definido, e.g. no relatório de 1987 da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento das Nações Unidas, Nosso Futuro Comum (o Relatório Brundtland), o termo pode ser aplicado a todas as formas de turismo que estejam em harmonia com seus ambientes físico, social e cultural no longo prazo. Não confinado à pequena escala, como o turismo alternativo, o desenvolvimento do turismo sustentável pode ser visto nos termos do Relatório Brundtland como o desenvolvimento que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a atividade das gerações futuras para satisfazer suas próprias necessidades. [tradução minha].<sup>7</sup>

Percebe-se que o dicionário acaba não fornecendo uma definição objetiva de turismo sustentável e, assim como a OMT, vincula a definição ao conceito de desenvolvimento e à preocupação com a satisfação de necessidades presentes e futuras, o que envolve a questão da conservação de recursos naturais e sociais. Sendo assim, faz-se necessária uma análise do conceito de turismo sustentável, o que é feito por meio de um mapeamento semântico na seção seguinte, para que se possa responder à pergunta que motiva a elaboração deste artigo (i.e. será que o turismo sustentável pode contribuir para desenhar um novo país?).

## MAPA SEMÂNTICO DO TURISMO SUSTENTÁVEL

A falta de uma definição de turismo sustentável universalmente aceita não significa que não seja possível estabelecer um conceito operacional de turismo sustentável. O mapa semântico delineado logo abaixo revela as imbricações conceituais relevantes para uma discussão a respeito do conceito de turismo sustentável:



Ao olhar-se para esse mapa semântico, percebe-se, imediatamente, o número de elementos que irradiam a partir do elemento “turismo sustentável”, estabelecendo uma intrincada rede de relações. O conceito de desenvolvimento sustentável, que deu origem ao conceito de turismo sustentável, foi formalizado em 1987 no Relatório Brundtland (GONZALES, 1996):<sup>8</sup>

[...] desenvolvimento que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a habilidade das gerações futuras em satisfazer suas próprias necessidades. [tradução minha] <sup>9</sup>

Essa definição de desenvolvimento sustentável, entretanto, tem gerado controvérsias. E não é difícil entender as razões disso. O conceito de desenvolvimento, que perpassa o de turismo sustentável, é multifacetado, englobando aspectos de ordem econômica, social e ambiental. Contudo, SOUZA (2002)<sup>10</sup> lembra que desenvolvimento é geralmente entendido como crescimento econômico e modernização tecnológica, e alerta para a necessidade de se evitar o reducionismo econômico que tem sido imposto ao conceito de desenvolvimento. Esse alerta é procedente na medida em que o crescimento econômico e a modernização tecnológica de um país não implicam necessariamente uma melhor distribuição da renda nacional nem a conseqüente melhoria da qualidade de vida de seus cidadãos. Isso significa que o desenvolvimento econômico pode ser bom ou ruim – a questão é saber para quem ele é bom e para quem ele é ruim.

Após a criação do Fundo Monetário Internacional e do Sistema Monetário de Bretton Woods, em 1944, o modelo desenvolvimentista adotado pelos países capitalistas tem beneficiado principalmente os países desenvolvidos, que têm sido o destino da maior parte das riquezas naturais dos países em desenvolvimento. Nos moldes em que a divisão internacional do trabalho tem se constituído desde Bretton Woods, os países em desenvolvimento se especializaram na produção de matérias-primas e alimentos, enquanto que os países desenvolvidos têm cumprido o papel de fornecedores de produtos de tecnologia avançada e de capital financeiro. As conseqüências disso, para os países em desenvolvimento, são o uso descontrolado dos seus recursos naturais, o desequilíbrio sociocultural nas suas diversas populações e a sua dependência ao capital volátil das instituições financeiras internacionais.

Os impactos negativos que esse modelo desenvolvimentista tem causado na economia, na sociedade e no meio ambiente dos países em desenvolvimento, como o Brasil, passaram a preocupar muitas organizações e alguns governos de países ricos, fazendo surgir o conceito de desenvolvimento sustentável. Contudo, tal preocupação não tem caráter altruísta: os países ricos só passaram a se preocupar com a situação dos países em desenvolvimento ao tomarem consciência de que seu futuro está intrinsecamente vinculado ao presente dos países em desenvolvimento. Se as reservas de água potável se esgotarem, se as florestas atingirem um nível crítico de redução e se o efeito estufa se tornar mais do que uma previsão nefasta, a existência dos países ricos será igualmente ameaçada.

O planeta Terra é um todo indivisível, um grande sistema biológico e social, que apenas virtual e politicamente está dividido em regiões, de acordo com os interesses do modelo político-econômico dominante. O professor Milton Santos (2000) lembra o papel da globalização nesse processo de configuração política e econômica do planeta: Hoje, com a globalização, pode-se dizer que a totalidade da superfície da Terra é compartimentada, não apenas pela ação direta do homem, mas também pela sua presença política. Nenhuma fração do planeta escapa a essa influência. [...] Com a globalização, todo e qualquer pedaço da superfície da Terra se torna funcional às necessidades, usos e apetites de Estados e empresas nesta fase da história.<sup>11</sup> SANTOS (2000)<sup>12</sup> considera a globalização, da forma como ela tem acontecido, perversa para os países em desenvolvimento, e sugere uma globalização mais humana. Essa preocupação com o humano, somada à preocupação com o meio ambiente, do ponto de vista biológico, não é recente. No século XIX, Friedrich Ratzel (apud CARVALHO, 2000), precursor da biogeografia, mostrava essa visão integradora, holística, a respeito do mundo:

A nossa ciência tem que estudar a Terra unida, como ela é, incluindo o homem; por isso não pode afastar-se do estudo da vida humana, e nem mesmo do da vida vegetal e animal. As mútuas relações existentes entre a Terra e a vida, que nela se produz e se desenvolve, constituem precisamente o nexos entre uma e outra e, portanto, devem ser especialmente consideradas.<sup>13</sup>

Por essas razões, o conceito de desenvolvimento deve ir além da idéia de desenvolvimento econômico e alcançar também a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos, a qual se reflete nos seus índices de escolaridade, saúde, emprego e segurança. Portanto, neste artigo, desenvolvimento de um país é entendido como o crescimento econômico e a modernização tecnológica que propiciam à sua população uma melhoria do bem-estar social.

Uma outra razão para a controvérsia em torno do conceito de desenvolvimento sustentável encontra-se no modificador “sustentável”. Pode-se questionar se é realmente possível engendrar o desenvolvimento de um país de uma forma em que haja a conservação do meio ambiente<sup>14</sup> e o respeito à sociodiversidade, refletida na conservação do patrimônio cultural de suas populações. Esse questionamento está presente no imaginário coletivo do mundo ocidental que tende a associar progresso e desenvolvimento com desflorestamento, poluição e ruptura da cultura de populações social e geograficamente excluídas.

O Protocolo de Kioto,<sup>15</sup> a Eco 92<sup>16</sup> e a Rio +10<sup>17</sup> são eventos que demonstram o grau elevado de preocupação com a relação entre o desenvolvimento e a sustentabilidade, a qual tem tido presença constante na agenda de governantes e empresários em todo o mundo. Isso evidencia que, para muitos países, organizações e indivíduos, realizar o desenvolvimento sustentável não é apenas uma meta exequível, mas também necessária para a sobrevivência da raça humana.

Feitas essas considerações acerca do desenvolvimento sustentável, pode-se agora chegar a uma definição operacional de turismo sustentável: turismo praticado de uma forma que (1) promova a qualidade de vida das populações residentes no local de destino; (2) respeite a sociodiversidade da comunidade receptora, por meio da conservação da herança cultural das populações locais; e (3) conserve os recursos naturais e paisagísticos desse local.

Torna-se, assim, inevitável perguntar se o turismo de massa pode se encaixar no conceito de turismo sustentável, ou, colocado de outra maneira, se turismo sustentável só se aplica às práticas alternativas de turismo. Ora, o turismo de massa, do ponto de vista econômico, é a *raison d'être* da grande maioria dos empreendimentos turísticos. A receita elevada que a atividade turística pode proporcionar é o que faz governantes e empresários se interessarem em investir no turismo. Portanto, reduzir turismo sustentável a práticas alternativas de turismo, feitas em pequena escala, não é compatível com a visão do turismo enquanto estratégia de desenvolvimento. Entretanto, o turismo de massa pode, sim, adotar práticas sustentáveis. Afinal, o turismo de massa não produz impactos negativos no meio ambiente e na sociedade das comunidades receptoras somente pelo fato de ser turismo de massa: é a falta de planejamento que causa tais impactos. O planejamento turístico para um determinado destino pressupõe uma análise da sua capacidade de carga e a participação dos seus cidadãos no processo de tomada de decisões referentes às atividades turísticas a serem ali praticadas.

A capacidade de carga de um destino é entendida aqui como a quantidade de pessoas que esse destino pode receber durante um determinado período de tempo sem que haja interferência negativa no meio ambiente local, na comunidade receptora e na experiência do visitante (OLIVEIRA, 2001).<sup>18</sup> Dessa forma, se não houver planejamento turístico que leve em consideração uma análise da capacidade de carga do destino, a atividade turística pode tornar-se predatória para a comunidade receptora, tanto do ponto de vista ambiental quanto cultural e social, e para o turista.

Um ponto que deve constar no planejamento turístico é a gestão participativa, uma estratégia fundamental para a prática sustentável do turismo, pois torna a comunidade receptora co-responsável pelas conseqüências que o turismo traz para ela. SANT'ANNA (2001) coloca essa questão com muita propriedade:

É importante lembrar que o sucesso de projetos de desenvolvimento local sustentável, aliás, depende da articulação e mobilização dos atores envolvidos localmente e da sua capacidade de pensar de forma integral e integrada, para que seus recursos produtivos sejam valorizados e transformados em vantagens competitivas efetivas.

Esta dinâmica de desenvolvimento local parece se tornar a única opção viável para os grandes investidores do turismo de massa, que começam a ter mais clareza dos riscos provenientes dos cinturões de pobreza que circundam grandes projetos já existentes.<sup>19</sup>

Além da gestão participativa, o planejamento deve incluir em sua agenda a educação ambiental. A maior justificativa para isso é o fato de uma comunidade receptora não necessariamente ter os mesmos desejos que os defensores do turismo sustentável têm em relação a essa comunidade. Nesse sentido, a educação ambiental tem o papel fundamental de conscientização a respeito da importância da conservação dos recursos naturais e paisagísticos do planeta e da conservação da herança cultural das diversas populações que formam as comunidades receptoras. O processo de educação ambiental deve idealmente ocorrer de forma

sistemática nas escolas e através dos meios de comunicação de massa para que todas as populações de um país sejam atingidas. Um mecanismo que está incentivando empresas a realizarem práticas sustentáveis é a certificação turística, que consiste na emissão de um certificado atestando que os produtos turísticos de uma empresa são social e ambientalmente responsáveis. A certificação turística e a educação ambiental podem se complementar: educando-se os turistas e os membros da comunidade receptora, eles exigirão práticas social e ambientalmente responsáveis por parte das empresas das quais compram produtos turísticos, o que levará as empresas a se interessarem pela certificação turística. Em junho de 2002, o Conselho Brasileiro de Turismo Sustentável passou a disponibilizar informações sobre o processo de certificação turística lançando o site [www.turismosustentavel.org.br](http://www.turismosustentavel.org.br), evidenciando a existência de demanda por certificação turística aqui no Brasil. Um último ponto a ser abordado, em relação ao mapa semântico do turismo sustentável é o ecoturismo, já que parece haver uma tendência de se associar ecoturismo a turismo sustentável. Ecoturismo é o turismo praticado em pequena escala em áreas naturais, geralmente distantes das áreas de origem dos visitantes. Entretanto, o ecoturismo não é inerentemente sustentável: a atividade turística pode causar impactos negativos ao meio ambiente e à comunidade receptora, mesmo que o número de visitantes não seja muito grande. É interessante observar que, de acordo com Wall (apud OLIVEIRA, 2001),<sup>20</sup> o ecoturismo tende a se transformar em turismo de massa devido à busca por lucros em que se pautam as atividades econômicas capitalistas:

[...] o imperativo econômico sugere o crescimento na direção do turismo de massa, pois o crescimento econômico geralmente é a meta das áreas de destino, e as economias de escala tendem a ser perseguidas pelas operadoras de ecoturismo. [tradução minha] <sup>21</sup> Um caso que se encaixa nessa previsão de Wall é o da cidade de Lençóis, na Chapada Diamantina. Há três décadas, a quantidade de pessoas que a visitavam era pequena. Hoje Lençóis possui hotel de luxo e aeroporto que recebe aviões do porte dos boeings, símbolos inquestionáveis do turismo de massa. Do mapeamento semântico exposto até aqui, fica claro que turismo sustentável:

- (1) está intrinsecamente vinculado ao desenvolvimento sustentável, o que significa que deve ser visto como uma estratégia de desenvolvimento;
- (2) requer um planejamento que envolva os membros da comunidade receptora através de uma gestão participativa respaldada na educação ambiental;
- (3) contribui para a conservação do meio ambiente dos destinos turísticos;
- (4) contribui para a melhoria da qualidade de vida das populações residentes no destino visitado, respeitando a sociodiversidade desse local;
- (5) tem o conceito de capacidade de carga como princípio norteador;
- (6) não é a mesma coisa que ecoturismo;
- (7) não se aplica apenas às formas alternativas de turismo, mas também ao turismo de massa;
- (8) pode ser estimulado com a certificação turística.

Cabe, agora, abordar a questão apresentada no início deste trabalho: o turismo sustentável pode contribuir para desenhar um novo país? A resposta está na seção seguinte.

## ARQUITETANDO UM NOVO PAÍS

Desde o começo dos tempos, a Terra vem sofrendo modificações e sendo redesenhada ininterruptamente por meio de fenômenos geológicos e da ação do ser humano. A interação entre o homem e a natureza tem participação ativa na arquitetura cultural e na arquitetura natural da Terra. Infelizmente, nos últimos 100 anos, essa relação do homem com a natureza tem causado mudanças não muito positivas: florestas são devastadas, contribuindo para a criação de desertos; rios e espécies de animais desaparecem; culturas são exterminadas. Os desenhos que surgem a partir dessas arquiteturas são exatamente o que instiga as pessoas a viajarem. Afinal, o que é o turista senão uma pessoa interessada por desenhos diferentes daqueles aos quais está acostumada? Quando decide ir à Disney, um adolescente brasileiro quer ver aquilo que não faz parte do desenho cultural brasileiro: tecnologia avançada colocada ao serviço do entretenimento; personagens que permeiam o imaginário infanto-juvenil, oriundos da banca de revista e das livrarias. Quando visita o Havaí, um brasileiro adulto, geralmente, está em busca de desenhos naturais diferentes dos existentes no Brasil: vulcões; praias de areia negra; praias com ondas gigantes.

Ao visitar um destino, o turista necessariamente interage com o espaço sociocultural e natural desse local, e, como um arquiteto, modifica as arquiteturas natural e cultural do destino, alterando seus desenhos. Se os impactos forem negativos, o desenho paisagístico pode ganhar um tom mais poluído com perda do verde e um pouco mais de realce no cinza. Além disso, o desenho cultural pode ficar mais distante daquele que os membros mais antigos da comunidade receptora nostalgicamente se recordam e tentam manter na memória de seus descendentes por meio de casos e estórias, que retratam um passado mais tranquilo, com menos pobreza e menos violência.

Nesse contexto metafórico da arquitetura, o turismo sustentável pode desempenhar um papel importante no redesenho cultural e natural de um país. Do ponto de vista cultural, o turismo sustentável pode contribuir para a conservação das heranças culturais das comunidades receptoras e para a melhoria da qualidade de vida das populações dessas comunidades, que têm o direito de optar pela forma de conservação da sua cultura. É por isso que um planejamento turístico que leva em consideração a gestão participativa é essencial para a sustentabilidade do turismo, haja vista a tecitura complexa da sociodiversidade em que se fundamenta o binômio comunidade receptora-visitante.

Do ponto de vista natural, o turismo sustentável pode ajudar a conservar o desenho paisagístico de um país ou a alterá-lo de forma racional e positiva, na medida em que o turismo sustentável busca respeitar a capacidade de carga de um destino. Conforme a seção anterior, a educação ambiental e a certificação são instrumentos importantes para dar ao turismo sustentável a régua e o

compasso necessários para que o desenho natural de uma comunidade receptora seja feito de forma consciente e positiva. A pergunta-tema deste artigo tem uma resposta positiva: o turismo sustentável pode contribuir para o desenho de um novo país. A concretização dessa possibilidade, no entanto, depende da vontade e do empenho dos agentes sociais, plasmados na figura dos órgãos oficiais de turismo, dos empresários, das populações das comunidades receptoras e dos turistas, no sentido de abraçarem a idéia de dar sustentabilidade ao turismo, levando em consideração os elementos apontados no mapa semântico da seção anterior. Talvez haja pessoas que não acreditem no turismo sustentável e o considerem uma utopia. E essas pessoas estão erradas e, ao mesmo tempo, certas: erradas por não acreditarem no turismo sustentável; certas por o considerarem uma utopia. Entretanto, utopia não deve ser vista de uma forma negativa, mas sim da forma como o geógrafo cultural COSGROVE (2000) a coloca:

A utopia é a parte da imaginação social dirigida ao futuro que desafia a tradição e busca a ruptura com o presente. Ao construir histórias e imagens de futuros possíveis, as utopias fornecem razão para a ação e para a mudança.<sup>22</sup>

Assim, motivados pela utopia do turismo sustentável, os diversos agentes que constituem uma sociedade podem se tornar os arquitetos responsáveis em desenhar um país, escolhendo o que precisa ser rompido, mudado, e o que precisa ser conservado. E a ferramenta que eles usarão para esse redesenho é exatamente o turismo sustentável.

## NOTAS

- 1 INSTITUTE FOR TOURISM AND RECREATION RESEARCH. Research Report 54. Montana: Universidade de Montana, 1998. [capturado em 02 out. 2002] Disponível: <http://www.mtnforum.org/resources/library/mccox98a.htm>.
- 2 Cf. o trecho original: [...] the definition of sustainable tourism has remained elusive, but tends to be focused on integration of social and economic opportunity with environmental protection and enhancement of quality of life.
- 3 Cf. o texto intitulado “What is sustainable development (ST)?”, da Sustainable Tourism Network, Disponível: <http://www.stn.info.com.np/info/default.asp>.
- 4 GONZALES, G. Sustainable tourism vs. ROI. Apud. OLIVEIRA, Luciano. English for tourism students. São Paulo: Roca, 2001. p. 72.
- 5 Cf. o trecho original: Sustainable tourism, the industry’s sexy buzzword of the ’90s, is an enigma. Seductively appealing as it makes sense of tourism’s role in modern day economic development, the concept is hard to put in practice. Current literature abound with conflicting views in respect to its interpretation, relevance, application and practice in the real world.
- 6 MEDLIK, S. Dictionary of travel, tourism and hospitality. 2. ed. Grã-Bretanha: Butterworth-Heinemann, 1996. p. 240-241.
- 7 Cf. o trecho original: Emerging from concepts of sustainable development, as defined, e.g., in the 1987 report of the United Nations World Commission on Environment and Development, Our Common Future (the Brundtland Report), the term may be applied to all forms of tourism which are in harmony with their physical, social and cultural environment in the long term. Not confined to smallscale, as alternative tourism, sustainable tourism development may be viewed in terms of the Brundtland Report as development that meets the needs of the present without compromising the activity of future generations to meet their own needs.
- 8 GONZALES, G. Sustainable tourism: the new paradigm. [capturado em 07 out. 2002] Disponível: <http://www.gonzales.com.sg/sustour.html>.
- 9 Cf. o trecho original: [...] development that meets the needs of the present without compromising the ability of future generations to meet their own needs.
- 10 SOUZA, M. Como pode o turismo contribuir para o desenvolvimento. In: RODRIGUES, A. (Org.) Turismo e desenvolvimento local. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 18.
- 11 SANTOS, M. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 81.
- 12 Id. *ibid.*, 2001, p. 19-20.
- 13 Friedrich Ratzel Apud CARVALHO, M. (2000) Novos fundamentos para a biogeografia: a revolução biotecnológica e a cartografia dos mananciais de biosociodiversidade. Scripta Nova – Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidade de Barcelona, v. 17, n. 69, ago., 2000. p. 4. [capturado em 02 out. 2002] Disponível: <http://www.ub.es/geocrit/sn-69-17.htm>. p. 4.
- 14 Seguindo SANT’ANNA, D.; OLIVEIRA, M.; BERENSTEIN, S. Gestão participativa para um turismo sustentável: o caso da costa do descobrimento. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, 2001, p. 36, optou-se pelo conceito de conservação em detrimento do conceito de preservação pelo fato de este ser um “conceito rígido de manutenção estática da natureza” enquanto que, no conceito de conservação, “a natureza é transformada sob controle, levando em conta as necessidades humanas”.
- 15 O Protocolo de Kyoto é um instrumento para implementar a Convenção das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas. Seu objetivo é que os países industrializados (com a exceção dos EUA que se recusam a participar do Acordo) reduzam (e controlem) até 2008-2012 as emissões de gases que causam o efeito estufa em aproximadamente 5% abaixo dos níveis registrados em 1990. [capturado em 19 fev. 2004]. Disponível: em [http://www.wwf.org.br/participe/minikioto\\_protocolo.htm](http://www.wwf.org.br/participe/minikioto_protocolo.htm).
- 16 A Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a ECO 92, resultou em uma série de convenções, acordos e protocolos, alguns dos quais não foram efetivados pelos países signatários, como o Protocolo de Kyoto – destinado à redução da emissão de gases – e outros ratificados, como o da Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB). Dos 175 países que assinaram a CDB, em 1992, no Rio de Janeiro, 168 confirmaram a sua disposição de respeitá-la. Dentre esses países, inclui-se o Brasil. [capturado em 19 fev. 2004] Disponível: <http://www.comciencia.br/reportagens/biodiversidade/bio06.htm>.
- 17 A Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável (Rio+10) foi realizada entre os dias 26 de agosto e 4 de setembro de 2002 em Joanesburgo, África do Sul. O evento foi um encontro entre vários países que visavam a encontrar soluções para a degradação do meio ambiente e também a avaliar e a dar continuidade ao que foi proposto no último encontro, a Rio-92. O encontro é conhecido como ‘Rio+10’ porque aconteceu uma década depois da Conferência das Nações Unidas sobre Meio

Ambiente e Desenvolvimento (Rio-92) no Rio de Janeiro. O foco principal da Rio+10 foi a relação entre a sociedade e o meio ambiente. A Cúpula Mundial, organizada pelas Nações Unidas, contou com a participação de 190 países e reuniu milhares de participantes, incluindo chefes de Estado e de Governo, outras autoridades oficiais, empresários, representantes da sociedade civil e organizações não governamentais, para a assinatura de compromissos com a implantação do desenvolvimento sustentável. As decisões tomadas devem reforçar compromissos de todas as partes para que os objetivos da Agenda 21 sejam alcançados. A meta da agenda é abrir discussões sobre descobertas no setor ambiental (floresta, oceano, clima, energia, água potável) e nas áreas de Economia, de novas tecnologias e de globalização. [capturado em 19 fev. 2004] Disponível: [http://www.ecoviagem.com.br/ecoreporter/def\\_ecoreporter.asp?codigo=3343](http://www.ecoviagem.com.br/ecoreporter/def_ecoreporter.asp?codigo=3343).

18 OLIVEIRA, L. English for tourism students. São Paulo: Roca, 2001. p. 114.

19 SANT'ANNA, D.; OLIVEIRA, M.; BERENSTEIN, S. Gestão participativa para um turismo sustentável: o caso da costa do descobrimento. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, 2001. p. 37.

20 WALL, G. Ecological reserves and protected areas: the challenges of ecotourism. Apud. OLIVEIRA, L. English for tourism students. São Paulo: Roca, 2001. p. 79.

21 Cf. o trecho original: [...] the economic imperative suggests growth in the direction of mass tourism, for economic growth is usually a goal of destination areas and economics of scale are likely to be sought by ecotourism operators.

22 COSGROVE, D. Mundo de significados: geografia cultural e imaginação. In: CORRÊA, R.; ROSENDAHL, Z. (Org.) Geografia cultural: um século (2). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000. p. 51.

\* Doutor e Mestre em Letras e Lingüística pelo Instituto de Letras - Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística da Universidade Federal da Bahia. Bacharel em Economia pela Universidade Federal da Bahia.

Artigo premiado em 2º lugar – Categoria Externa – do Prêmio Sesc-Senac de Turismo Sustentável, realizado em outubro de 2002.

E-mail: leoliveira@atarde.com.br.